

BARROS, Edir Pina de. *Os filhos do Sol*. São Paulo: Edusp, 2003.

JOANA A. FERNANDES SILVA*

“Os filhos do Sol” é uma etnografia sobre o povo indígena Bakairi, que vive em Mato Grosso. Esta é uma etnografia que já nasce clássica, no sentido de lembrar as velhas e boas etnografias, e também no sentido de sua qualidade e profundidade no conhecimento sobre um povo estudado. Clássica aqui não quer dizer antiga, mas um modo especial de transmitir e escrever sobre uma cultura. Parentesco, cosmologia, morte, formação de aldeias, fissões e outros aspectos relevantes na antropologia tradicional são abordados

Embora clássica, essa etnografia insere-se em inquietações antropológicas e etnológicas contemporâneas, uma vez que dialoga com as várias teorias sobre o contato e danos decorrentes das mesmas. Os Bakairi, já na década de 60, eram considerados extremamente “aculturados” e, portanto, desinteressantes do ponto de vista da etnologia brasileira. A autora demonstra, através de uma descrição densa e intensa convivência com este povo, que este era um juízo muito apressado e que a teoria da aculturação não consegue dar conta das complexidades que envolvem uma sociedade indígena e a dinâmica de suas relações com a sociedade envolvente.

O objetivo de *Os filhos do Sol* foi “identificar os princípios organizacionais e culturais a partir dos quais os Bakairi tecem suas diferenças, ainda que marcadas pela etnicidade”. Em conformidade com a tarefa proposta, a autora examina a história dos Bakairi do ponto de vista da documentação e através de sua pesquisa de

campo, com entrevistas e depoimentos. De uma maneira muito interessante, ela mostra de que maneira a ameaçadora política indigenista da década de 70, através do Projeto de Emancipação colocou os Bakairi diante da necessidade de marcar sua diferença em relação aos regionais e de retomar elementos identificadores. Assim, rituais foram retomados com o objetivo de garantir a legitimidade da continuação dos Bakairi enquanto povo singular. Edir Pina demonstra, ao longo do texto, a interação dos Bakairi com a sociedade nacional, seus movimentos em direção a uma política indigenista executada pela Funai, e toda a dinâmica dessa sociedade que mantém-se íntegra e unida apesar do contato intenso. Como diria Marshall Sahlins, os Bakairi mudam para poderem reproduzir a sua cultura, ou vice-versa, reproduzem sua cultura, através da mudança.

Do ponto de vista mais etnográfico, gostaria de destacar o conceito de “ekuru” estudado pela autora. O ekuru é um princípio vital, presente em secreções dos seres vivos e no “caldo” dos vegetais. Esta é uma substância, que por sua particularidade, disciplina relações entre os seres humanos e destes com a terra, animais de caça, peixes e, mais importante, com a chuva e com os mortos. O ekuru além de elemento vital é um princípio que rege as relações dos homens com o ambiente e tece uma ética nessas relações. O estudo de Reichel-Dolmatoff, sobre a cosmologia dos Tukano, havia demonstrado que as relações entre cultura e ambiente são intermediadas pelos símbolos e que as interpretações também orientam uma ética nas condutas.

* Profa. do Departamento de Ciências Sociais, UFG.

De todas as qualidades que esta etnografia sensível sobre os Bakairi apresentam, gostaria de destacar sua importância em termos da demonstração de que as relações de um povo indígena com a sociedade nacional e sua inserção na economia regional através do trabalho assalariado não implica necessariamente na desfiguração da cultura de uma sociedade indígena. O contato interétnico trouxe para os Bakairi, doenças, mortes, depopulação, perda territorial e outras grandes perdas, mas, eles conseguiram recuperar uma parte de seu território e manter as unidades familiares coesas.

O livro conta com a apresentação de Julio César Melatti e tem oito capítulos. No capítulo I, intitulado "Localização e referência", a autora localiza os Bakairi geográfica e historicamente, através do estudo de fontes documentais. No capítulo II, "Parentes, vizinhos e aliados", são apresentados os dados etno-históricos, os grupos locais, sua população, dinâmica e movimentos territoriais, tecendo seus dados através dos conceitos de identidade e territorialidade e contemplando as relações políticas internas dos grupos. O capítulo III do livro *Os filhos do Sol*, "Economia e cosmologia", é um olhar atento às relações dos Bakairi com o ambiente e um estudo das categorias temporais e espaciais, onde pode-se perceber a complexidade desse sistema de pensamento. A partir dessas categorias pode-se entender seus conceitos de vida e de morte, bem como a importância do xamanismo. O capítulo IV, "Classificação social: no

domínio do parentesco", é um estudo sobre o sistema de classificação e o sistema de parentesco Bakairi, cuja terminologia assume o tipo iroquês. No capítulo V, "Casamento e residência", debruça-se sobre os dados e regras preferenciais para as duas instituições. No capítulo VI, "A morte e os mortos", a autora faz uma etnografia das noções bakairi relacionadas à morte e suas derivações: as de espírito, das várias almas, o papel do xamã nesse sistema de pensamento, o luto, a "outra terra" e a sociedade dos mortos. No último capítulo, "Kado: os ritos pan-comunitários", a autora analisa o complexo de rituais pan-comunitários, intitulado Kado, que atualmente estão restritos a uma quantidade menor de ritos, mas não menos importantes. Entre os rituais analisados, entre outros, destacam-se os do batizado ritual do milho, o kápa, o iakuigade e o da iniciação masculina. De acordo com a autora, esse ritual promove a sociabilidade e a integração entre os vários grupos locais dos Bakairi, além de terem importância pelas máscaras e pinturas corporais extremamente elaboradas.

Em resumo, o livro *Os filhos do Sol*, pode e deve ser lido por todos antropólogos e etnólogos envolvidos com a complexa discussão da diversidade cultural e das relações interétnicas. Mas a clareza e leveza de sua linguagem o recomenda também para estudantes das Ciências Sociais, em especial, àqueles que têm uma mente que se inquieta a respeito das múltiplas formas de uma sociedade organizar-se e pensar a si mesma.